

A aquisição inicial de vocabulário por crianças com Síndrome de Down: os papéis do desenvolvimento cognitivo e da linguagem materna

Tese de Doutorado apresentada à Universidade de Illinois, em Urbana-Champaign, em maio de 1984.

Cláudia Cardoso Martins

O propósito do presente estudo foi investigar o papel desempenhado por fatores cognitivos e sociais na aquisição inicial de nomes de objetos por crianças com Síndrome de Down (SD).

Doze crianças americanas (seis crianças com SD e seis crianças normais) e suas mães participaram do estudo. As crianças normais foram emparelhadas às crianças com SD, com base em duas variáveis: sexo e ordem de nascimento. Todas as crianças apresentavam visão e audição normais e, em todos os casos, a mãe era a principal responsável pelos cuidados da criança.

No início do estudo, a idade das crianças com SD variava entre 17 e 19 meses. Sua idade mental, medida de acordo com o teste de Bayley (1969), variava entre 8 e 14 meses. As crianças normais tinham 9 meses de idade. Sua idade mental variava entre 10 e 12 meses. Nenhuma criança falava no início do estudo e nenhuma demonstrava compreensão de nomes concretos.

Cada par criança-mãe foi visitado em sua residência, aproximadamente de seis em seis semanas, por um período entre 14 e 21 meses. Cada visita começava com uma sessão recreativa de 30 minutos, durante a qual a mãe e a criança brincavam juntas com um conjunto de brinquedos especialmente escolhidos pelos observadores. A sessão recreativa era gravada. Além disso, dois observadores registravam observações adicionais. Um observador anotava todas as palavras ou sinais usados pela mãe e pela criança para se referirem aos brinquedos. O segundo observador gravava (em um segundo gravador) uma descrição da interação não-verbal entre a mãe e a criança. Após a sessão recreativa, os observadores avaliavam a produção e a compreensão dos nomes dos brinquedos pela criança. Algumas visitas incluíam também uma avaliação do desenvolvimento cognitivo da criança.

No presente estudo, as crianças com SD e as crianças normais apresentaram o mesmo nível de desenvolvimento cognitivo no início da compreensão e da produção de nomes de obje-

tos. No entanto, logo após o início da aquisição da linguagem, as crianças com SD apresentaram um vocabulário inferior ao das crianças normais, mesmo quando o nível de desenvolvimento cognitivo dos dois grupos de crianças era equivalente. Outros fatores além dos de ordem intelectual devem, portanto, também contribuir para as dificuldades de linguagem apresentadas por crianças com SD.

A investigação do ambiente linguístico dos dois grupos de crianças revelou diferenças importantes na maneira pela qual as mães de crianças com SD e as mães de crianças normais conversam com seus filhos. As mães das crianças com SD apresentaram uma incidência maior de falas destinadas a controlar ou dirigir o comportamento da criança do que as mães de crianças normais. Por outro lado, as mães das crianças normais apresentaram uma incidência relativamente maior de falas destinadas a estimular a participação da criança na conversação. Em outras palavras, enquanto as mães das crianças com SD tendiam a adotar um estilo diretivo de conduta, as mães das crianças normais tendiam a adotar um estilo dialógico. Existe evidência de que certas características do estilo diretivo (e.g., uso freqüente de imperativos) são prejudiciais para a aquisição da linguagem (Newport, Gleitman & Gleitman, 1977). Por outro lado, uma incidência elevada de certas características do estilo dialógico (e.g., uso de questões) parece beneficiar a aquisição da linguagem (Newport et alii, 1977). É possível, então, que o ambiente linguístico de crianças com SD contribua para o atraso evidenciado na aquisição inicial de vocabulário por essas crianças.

Os resultados do presente estudo confirmam, em parte, essa hipótese. Certas características do ambiente linguístico de crianças com SD (e.g., uso freqüente de comandos ou ordens e uso infreqüente de referências acerca da ação da criança) pareceram, de fato, ter um impacto negativo no processo de aquisição de vocabulário pelas crianças

com SD. No entanto, a variável da linguagem materna, realmente relevante para a aquisição inicial de vocabulário, não parece ser o estilo particular de interação adotado pela mãe, mas sim a contingência semântica da linguagem materna ao comportamento da criança. De acordo com os resultados do presente estudo, o estilo dialógico ou não-diretivo facilita a aquisição inicial de vocabulário somente na medida em que esse estilo é semanticamente contigüente ao comportamento da criança. Da mesma maneira, quaisquer efeitos negativos do estilo diretivo de interação ocorrem porque, em geral, as falas diretivas não são semanticamente contigüentes ao comportamento da criança.

Vários estudos serão necessários antes que recomendações possam ser feitas em relação à maneira pela qual as mães de crianças com SD devem interagir com suas crianças a fim de facilitar o processo de desenvolvimento da linguagem. Se a contingência semântica ao comportamento da criança provar ser a variável ambiental mais importante para o processo inicial de aquisição da linguagem, em nada adiantará aconselhar as mães de crianças com SD a não dirigirem ou controlarem as atividades de suas crianças. Por outro lado, sugerir-lhes que comentem, sempre que possível, acerca do objeto da atenção da criança ou acerca da atividade da criança poderá facilitar a aquisição da linguagem por suas crianças.

Os resultados de investigações sobre a influência do ambiente linguístico no processo de aquisição da linguagem por crianças normais e excepcionais contribuirão, certamente, para o desenvolvimento de programas mais eficientes de educação da linguagem para crianças com diferentes problemas nessa área. A importância dessas investigações não estará, contudo, limitada a implicações de ordem prática. Os resultados dessas investigações contribuirão, também, para uma maior compreensão dos fatores envolvidos na aquisição da linguagem.

Original: Early Vocabulary Acquisition By Down Syndrome Children: The Roles of Cognitive Development and Maternal Language Input.